

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETE

AVENÇA

Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º — 211
Preço 1\$00

Um holandez que nos visitou, fez-nos notar que os sinos da nossa arruinada igreja, tocavam as três primeiras notas do Te Deum.

Hoje, nove de Março, ao meio dia, eles tocaram e retocaram a sua melodia que ecoou profundamente na nossa alma. Era um dia de festa como jamais aqui se viu.

O povo dizia que nunca tinha ouvido os sinos tocarem tão bem; o Paulito diz que até parece dia de casamento.

Muito simples — afinal o que se passara: a inauguração da Casa dos Pobres!

Ela aí está linda, bem acabada! Ela, a casa mais discutida de Portugal.

Por amor dela um grande desgosto que nem é bom recordar; por amor dela um monte de officios, quilómetros de estradas percorridas, centenas de degraus subidos.

Por amor dela gemeram os prelos dos grandes diários, ecoou uma voz no Parlamento, uma ordem emanou do Ministério, uma súplica se ouviu no Patriarcado. Por amor dela tudo voltou à tranquilidade. Triunfou o bom senso. Reabilitou-se a Câmara. Bem hajam todos!

Por isso os sinos de Santo António tocaram hoje melhor e, nós com eles, entoamos um fervoroso Te Deum: Senhor nós Te louvamos!

Mas não fizemos mais do que um acto de justiça, dando à pobre «cocha» uma casa decente. A Pátria estava em dívida para com ela: nós suprimos.

O marido foi soldado dois anos e u África e outros tantos nos campos da Flandres. Regressou doente. Nunca mais teve saúde. Morreu tuberculoso num pardiario, deixando a viuva — «a cocha» — e três filhos vivos, dos oito que lhes nasceram.

Nunca a Pátria lhe agradeceu a dedicação, os riscos, a saúde perdida.

O que a Pátria lhe negou, demos-lhe nós. Restituição tardia, mas oportuna ainda.

Não meteu barulho a festa Não veio clero nem nobreza, nem autoridades: o povo, sim. Os Pobres!

A nossa santa, como lhe chamam os vicentinos, por ser a pobre mais simpática da conferência, não era capaz de sair da nova casa. Eram aís para tudo: ai que está tudo tão lindo! Ai que casa esta! Bendito seja Deus que ainda há no mundo quem faça bem!

Na saquinha apareceu dinheiro, na mesa lá estavam ovos, batatas, açúcar, massa, azeite. Um deu a bilha para a água, outro o petróleo para o fogão da cozinha etc.



Aqui,
LISBOA!

O nosso Zé da Póvoa, encarregado de vigiar as prendas, não tem mão em si: vem à estrada e manda parar todos os carros que passam. O primeiro foi do Ministério da Guerra. Alto! Venham ver a casa dos Pobres!

Passaram espadas: Alto! Todos tinham de participar na alegria do Zé da Póvoa.

Senhores de Lisboa, façam minhas as palavras do Zé da Póvoa. Ao saírem da cidade nestes dias primaveris, passem palavra ao chauffeur para voltar o volante para a estrada de Torres: em Loures cortam à direita, em direcção a Bucelas. A meio do caminho perguntem onde moramos. Perto encontram a legenda: «Património dos Pobres». Parem um momento e admirem a casa mais linda do Tojal e mais discutida de Portugal!

O que nos dão no Tojal

O pequeno cronista desta casa, já aqui se referiu à oferta do Grupo Serpa Pinto, mas não disse tudo. Faltou dizer que, com as «quipas», vinham 4,600 cruzeiros e 1,562 escudos e que, desde o último dos jogadores ao primeiro dos dirigentes, todos revelaram neste donativo verdadeiro espírito desportista. «Tratem isto com muito amor», recomendou um funcionário de bordo, que nos veio confiar a oferta. Nós temos procurado que os rapazes assim façam.

Outro formoso donativo foi o dos alunos da Escola C. de Patrio Prazeres. Uma deputação deles veio passar o dia com os nossos e entregar 750\$. Pelos alunos nós avaliamos o cuidado que os mestres e dirigentes poem na formação dos homens de amanhã que lhes são confiados. Rapazes felizes!

Mas, afinal, todos os donativos são admiravelmente expressivos. Acabamos de receber do Banco, dois registos de depósitos na conta da casa. Num era o assinante X. que depositava 100 para liquidação da sua assinatura; noutra o mesmo assinante depositava mais 100 como multa que a si se impunha, por se ter atrazado na liquidação... Dentro da Quaresma estas penitências são salutaras. Mais 160 do primeiro ordenado e 200 do primeiro aumento e 350 também de aumento de «quem snoha ter um dia a nossa casa»;

26 e 100 de criadas de servir; 40 de um voto; livros e revistas da Vacuum provenientes algumas do Congo Belga juntamente com mil para o «Património dos Pobres».

É no dia 9 que será inaugurada a primeira casa para eles, aqui no Tojal. Depois diremos. Mais a 57.ª contribuição dos funcionários da Vacuum, no valor de 1,205\$ e os 250 dos Produtos Lácteos; 150 da Irmandade e Conferência de Santa Isabel, 110 dos Funcionários dos Depósitos do Banco de Portugal e 500 do mesmo. Um cobertor, roupas, uma gabardine; remédios de alguém que desejaria saber se são úteis. Pois fique sabendo que no mês de Fevereiro, gastamos três contos em medicamentos. Tal não aconteceria se tivéssemos sempre prevenidos com os usuais. Agora está na moda a estreptomicina, a penicilina e seus derivados. Ligaduras, vieram muitas; quem nos dera mais. O frio vai a passar mas são ainda insuficientes os cobertores que acudiram ao nosso apelo. Eu creio que muitos ficarão com pena ao saber que tivemos de comprar cobertores para as Casas dos Pobres. Para que tal se não repita, podem vir já os que se destinam à segunda Casa que vai já começar.

Uma camisola de flanela «para um dos batatas com um carinho-so beijo».

Um fatinho completo para uma criança das furnas. Se quem o mandou entrasse onde ele ficou, gelaria de pavor. Duma Figueirense 20 mais 15; e de M. E. 500\$ moçambicanos que, às parcelas, aparecem, com frequência, no Montepio.

Na lista aparecem com frequência as iniciais M. A. S.; A. S.; M. M.; H. C. G.; a Alice; um pequenino residente em Nampula; uma senhora de 75 anos; uma pobre para outra mais pobre; um ninguém; muitos alguéns com nomes compridos, e bastantes anónimos.

Apareceu mais um tanque de moedas, da Tesouraria do Montepio e o próprio Montepio entrou com 500. Vamos ter uma ofensiva destes tanques de paz! 5.000 da Câmara Municipal de Lisboa, que, desde o início desta casa, tem estado presente. Camisolas de lã com esta pergunta: será possível saber se se algum batatinha coube dentro delas? — Sim, senhora: couberam todos! Pode fazer mais. Por falar nos batatas aqui vai uma

notícia do mais pequenino o Zé-quita, para quem por eles tanto se interessa: o pequenino estava encantado com uma ninhada de pintainhos acabados de nascer. Vendo o carinho com que eram tratadas as avezinhas, perguntou se os pintainhos também eram batatas...

2.000\$ de Lisboa, sendo 500 para o Barredo, com o pedido de uma missa por três tias muito amigas. Cumprimos. 50 também por intenção dos melhores amigos — os pais; 40 de J. F. P. Mais um cobertor. Lençóis e toalhas para o Património dos Pobres.

Finalmente muitos visitantes que desde o princípio do ano se vêm aqui desobrigar, quer da assinatura, quer da dzima dos bens que Deus lhes deu.

PADRE ADRIANO

OS NOSSOS LIVROS

Falo assim no plural, por me referir aos editados e a editar.

Daqueles, com muita mágua torno a dizer que o primeiro volume do *Isto é a Casa do Gaiato*, acabou. O volume da nossa correspondência diária, tem aumentado consideravelmente; e é tudo a pedir, alguns a implorar, que lhe enviemos na volta o livro desejado. Não temos. Não temos nada. Que penal por causa do dinheiro? Não. Nós não somos negociantes. Por causa da privação que involuntariamente causamos aos homens de boa vontade. Por mais nada.

O segundo volume do dito, anda em distribuição. Como no caso do primeiro, também este vai chegar a pouco. Já estou sentindo. Fizemos apenas cinco mil. Porém, o Barredo, será a consoladora. Dez mil!

Já ontem tive aqui sobre a mesa de trabalho as provas de duas folhas; das duas primeiras folhas! Era um rôr de páginas. Parecia-me que estava ouvindo e vendo. Sentia, ao ler, conforme senti, ao escrever. Chorava, como chorei, então, em casa do Pobre. E contigo vai dar-se o mesmo, pois somos do mesmo barro. Tal como nas colunas do *Gaiato*, também nas páginas do livro vais renascer. A sua leitura é um batismo! É uma regeneração! Quantos e quantos não têm trabalhado por mudar de vida, depois que conhecem os *barredos*, — quantos!

Este é o quinhão dos mortais que entregam a sua vida, à vida dos Húmildes, para os defender. Esta é a sua batalha silenciosa. Esta, a sua recompensa final. Foi sempre assim. A história anda cheia. O que se diz, o que se ouve; disputas, partidos, opiniões, juízos, conceitos, grupos, paixões — tudo isso é poeira que o mundo faz. A verdade não está ali; Deus não entra nos barulhos.

Que vos sejam de aperitivo os cinco mil que andam em giro, e os dez mil a seguir, — alimento.



Já que desta vez não houve tempo para escrever Isto é a Casa do Gaiato, vai uma imagem, que também é a Casa do Gaiato; o Jaiminho de Vidago mai-los patos. É o lago. É o jardim. É o espelho da água aonde o pequenino se vê. Tudo isto é imagem real de uma vida que é. A Natureza, a Graça, Deus, Criador dos Vizíveis e Invisíveis!

TRIBUNA DE COIMBRA

Preferíamos enfileirar na procissão e irmos muito caladinhos e mergulhados no silêncio, louvarmos a Deus que é Caridade. Mas não há procissão sem organizadores e música e cânticos e foguetes e andores (de que o povo português gosta muito). Temos por isso que deixar o nosso lugar e levantar a voz a entusiasmar quantos seguem já e chamar a todos os que estão parados a ver passar e fazer barulho para que aqueles que estão ao longe ouçam e se incorporem também.

Vai em marcha a procissão do Património dos Pobres. Vai em marcha e em marcha certa; não se pode correr muito porque o percurso é grande e não se pode parar porque se não chega ao fim. Vai tudo certo.

Os autores desta procissão são as famílias que vão tendo uma casa. No dia nove, mais dois andores entraram; duas famílias de Miranda tomaram parte no cortejo. O povo das redondezas soube da hora da entrega das chaves e correu em multidão. Muitas centenas de pessoas e de todas as idades e categorias. Todos vieram visitar e trazer a sua oferta. As casas ficaram cheias. O que vimos e ouvimos é impossível dizê-lo. Aquilo que agora nos contam é simplesmente sublime. O povo agora acredita e parece que quer ver. Os nossos rapazes da Conferência tinham enfeitado. Camas pintadas e feitas de lavado; mobília adequada; tudo em ordem.

Uma das famílias, nove filhos pequenos e os pais, anda alheia de contente. A mãe diz que os filhinhos não querem sair de casa de tão bem se sentem. Ela nas primeiras noites só rezou e chorou. Recebeu agora mais abraços de parabéns do que na altura do casamento. Já tem marcado o lugar à volta da casa para jardim.

A outra, a tia Carvalha, tem oitenta e tantos anos e vivia numa toca. Agora está no Céu, como ela diz. Ai que bem se há-de estar no Céu, para que se chame já cá na terra o Céu, a uma casinha pobre e limpa!...

Depois de termos contemplado os andores novos que apareceram, vejamos osromeiros que se vão incorporando.

A assinante 11.836 com cinquenta para uma telha. Um Carlos da vila

António Enes com uma nota igual do Banco Ultramarino; e um polícia com igual quantia "para a Cristianíssima protecção aos pobres por meio da habitação gratuita". Este senhor é de muita linha e é muito recto e não consentirá desordens na procissão; não quer que se diga gratuita, mas devida. A Justiça e a Caridade são duas virtudes muito importantes. Duas senhoras visitantes com cinquenta; nova família de visita entra com cem; a assinante 8.175 com o mesmo para uma telha; e outra com outra telha. Vieram depois as alunas do Liceu de Coimbra com algumas mestras e deixaram mil; e um desconhecido com 40\$00 para duas telhas; e outro deu vinte a um vendedor do jornal; e um senhor Doutor residente em Ubuába, Brasil, mandou um representante com cem "para o Património".

E a mãe de Ilhavo tomou conta do seu lugar com "uma pequenina lembrança para o bragal da Casa dos Pobres". Se esta boa mãe adivinhasse a alegria que deu à mãe dos nove filhos!...

E um senhor desconhecido deu a roupa completa para uma cama e um chaile. E uma senhora entrou mandando entregar no Lar a roupa completa para outra cama. E outro senhor hoje na rua prometeu-me mais roupa para outra. Será para a casa que já andamos a telhar.

Temos que falar por missão e não por aparato. As missões em Portugal são assim e esta é bem portuguesa.

Que mais se incorporem neste cortejo sagrado!

PADRE HORÁCIO

Em distribuição

«Isto é a Casa do Gaiato»

— II VOLUME —

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume esgotar-se-à rapidamente!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

NOTA DA QUINZENA

Não sei se os senhores ainda se recordam daquela viúva com sete filhos, que, segundo ela, foi mandada aqui pelo Preidente da Câmara de E pinho. Não sei se se recordam. Poi, bem. Hoje de manhã tivemos um caso identico. Eu saía da capela, de celebrar e estava uma com seu filho p la mão em ar de quem tinha feito grande jornada. Saiu de casa com de noite, atravessou o rio Tânega e tinha ch-gado naquele momento. Antes de mais, quis saber quem é que a tinha mandado e ela disse que ninguém: *vim por minha cabeça*. O desejo de-ta viúva era entregar me o seu filho ali presente, de oito anos de idade, e ela ficava com mai três a baixo. O seu marido era pedreiro. E por que morreu de doença, como ela me disse, não tem subídios de nada, de ninguém. Emprega-se a dita viúva em dar dias quando lhos pedem, ganhando por cada um 3\$50. Não era preciso, mas ela quis-me dizer que aquilo não dá para pão. Para fazer esta jornada, tinha ela pedido a uma visinha, ontem à noite, obra de um quilo dele que trazia numa saquit; e como aqui lhe tivéssemos dado uma refeição quente, ela, esta nobre mulher, regressa com a bo-roa na saca para a devolver! O mundo de hoje, afeito a grandezas, estranha naturalmente estas insignificancias.

Eram horas do meu café e enquanto ela e o filho tinham feito do seu duas malgas de sopas, fui eu tomar o que me pertencia.

Sabe assim muito melhor aquilo que a gente come! De onde estava, eu via mãe e filho sentados num banco de pedra à porta da cozinha, ocupados e silenciosos.

Bernardino e Papagaio, em conversa com o pequeno, tinham sabido que ele nem sempre encontra de comer quando regressa da escola; *umas vezes tenho só caldo outras vezes tenho só pão*. E os dois refeiteiros vêm-me pedir. Querem que o rapaz fique.

Confortados com o nosso pequeno almoço, a viúva mais eu conversamos por algum tempo. Falta no mundo quem dê atenção e ouça histórias de vidas esmagadas. A desta viúva é assim. Os seus olhos são as janelas da verdade com que ela se exprime. Fichas sociais, nestes casos, são desnecessárias; a letra é inimiga da verdade. Quando chega à penúria de roupas e à notícia de um empréstimo para comprar o cotim das calcitas do filho, af vem um fio de lágrimas para me dizer que *a vida dos pobres custa muito*. Sim, custa. Ela fala do que conhece.

Tinha tocado. A aldeia encontrava-se agora deserta; tudo estava nas escolas e nas oficinas. Aproximaram-se as senhoras. Uma foi buscar roupas; outra algum dinheiro. A viúva pôe as mãos em pacífica explosão...! Declara que o pároco da sua freguesia, enquanto vivo, lhe dava 50\$00 por mês e com este dinheiro, governava a sua vida; mas agora não! Agora não tinha nada. A freguesia está vaga.

Chegado que somos a este ponto da Nota, é meu desejo que ela sirva de doutrina social. Esta viúva declara e eu sou testemunha, que se governa com 50\$00 por mês, contando com o seu trabalho e ajudas eventuais.

Ela mostra ser dotada de uma

grande capacidade moral. É mãe. Ninguém como a mãe para dar aos filhos a criação. Neste e em casos semelhantes é a mãe que se deve auxiliar. Quando a nossa maneira de assistir deixar de ser teoria, em todos os cantos de Portugal há-de haver este costume, mais os necessários meios. Asilos e quejandos organismos, só nos casos de incapacidade familiar. Assim é que está certo.

A mãe levou o seu filho. Levou roupas para os outros. Foi prevenida para este mês e levou consigo a certeza de que o Pai Celeste vai providenciar. A sim como eu nos dela, também esta mãe viu nos meus olhos duas janelas abertas para um mundo de verdade. Não enganemos os Pobres, sobretudo viúvas com encargos!

UMA CARTA

«Acabo de receber o último volume de «Isto é a Casa do Gaiato», agarrei-me logo a ele!

Simplemente encantador e grandioso!!! E a certo ponto da leitura veio-me esta ideia, que me não deixal!

Porque não haverá uma obra identica para raparigas? Terão elas menos necessidades?! Não serão elas também filhas da rua, do nada, sujeitas ao mundo e à sua podridão? A mulher tem um papel tão grande na sociedade actual!! O mundo precisa de amor, e qual o amor comparável ao amor de mãe!! A sociedade precisa de santas mães, mães cristãs abnegadas, que vejam nos seus filhos os santos e heróis que virão a salvar o mundo, e não os impecilhos à sua liberdade, à liberdade das suas paixões!

Eu sei, tendes imenso que fazer, mas sei igualmente que nada se vos põe de diante para salvar as almas, por isso me atrevo a escrever-vos! Pedir-vos um conselho! Conselho de Pai, de Mestre de Homem! Será possível ter a ambição de sob a vossa protecção, e direcção, fundar uma obra identica para raparigas?! Eu não tenho nada! Nem dinheiro, nem qualidades... Sòmente uma coisa eu tenho—amor, boa vontade e confiança em Deus. O desejo ardente de me dar completamente aos intelizes. Será possível erguer qualquer coisa com estes alicerces?... Não será loucura! Será uma tentação! Gostava tanto que mo dissésseis. Se achais impossível desde já renuncio, é porque Deus não quer, e acima de tudo está a vontade d'Ele. Se virdes que há possibilidades, preveni-me, para eu vos procurar, para receber instruções junto de vós. Eu sei, Padre Américo, que vós tudo conseguis, e se vós quizerdes as raparigas da rua, as falidas de Portugal, também terão a sua casa! Eu entregar-me-ei de alma e coração a elas! Não tenho medo dos sacrificios futuros, *confio!* Não tenho pressa na resposta, mas agradecia-vos uma qualquer ela seja. Agradecia, e pedia-vos que não puzesseis a direcção no famoso, caso a resposta venha por ele, pois não queria ser identificada por enquanto.»

Não é esta; são delas e delas, que se fôssemos a publicar, não havia espaço que chegasse. O mundo anda com saudades do Céu—e é o Gaiato! Aconselhar? Sim. Digo-lhe que de todas as qualidades, só lhe falta uma: esperar. Saber esperar *activamente*, e quando chegar a hora, saia. Essa hora, se houver de ser, é eficaz; não vale a pena recalcitrar; até pelos cabelos Deus, nos pega, como aconteceu naquele tempo ao profeta que foi levar de comer ao Daniel. Até lá deixe-se estar quiétinha e muito caladinha—*activamente*!



Eu tinha celebrado naquele dia no altar da paróquia do Barredo, igreja de S. Nicolau. O senhor abade não estava. No fim, a mãe dele, vem me pedir que suba a tomar o café, e eu disse que sim. A maneira que subia, ia-me cobrindo de espanto; o pároco da freguesia de S. Nicolau, não tem uma residência; vive nas dependências da sua igreja! A mãe ia à frente; eram uns degraus ca-uncentos e dependurados, que diziam para uma trapeira. Os meus anos já puxados queixam-se; os dela, por mais, muito mais. É a mãe do senhor abade, companheira e testemunha deste incrível desconforto! Na trapeira, a um canto, está uma pequena mesa. Um postigo, dá para os telhados de outras casas. Há roupas a corar, gatos ao sol, plantas vivas em cacos mortos. A desolação do Barredo está ali patente; vê-se da casa do Pobre daqueles pobres. Veio o café, servido numa caneca almoçadeira e um pão de trigo, conforme a padeira o deu. Não há mais nada. Não se vê mais nada a não ser os ornamentos das moradias pobres. Eu mesmo, naquela hora, recordei outras, aonde tenho tomado o meu café da manhã, e tudo era igual; até a figura e modos daquela mãe!

Estávamos no derradeiro andar da casa; com os dedos, tocava-se na telha à vista. A mãe quis que eu visse, e apoia-se ao corri-

mão mal seguro. Vamos descendo. Abre uma porta e diz aqui é onde eu dormo. Abre outra e informa aqui dorme o meu filho. Não são quartos de dormir. Não há janelas por onde entre o sol. Não tem os precisos. Não é uma residência; são dependências da igreja!

Descemos. Há um salão com quadros a óleo, cadeiras de estilo, alfaias, móveis daquele tempo. É a sala da confraria.

Em baixo, despeço-me da mãe. O meu filho é tão doente e aqui torna-se mais. Ela também o é mas isso não conta. Dela não se lembra. Trouxe-o no ventre, escondido em mistério; e ora é no regaço. União de muitos anos santificada pelo sacerdócio do filho!

Estava na rua. Eram dez da manhã. Nas trazeiras da igreja fica a Reboleira e comecei por ali a ver outros pobres.

Respeitemos a gloriosa pobreza do Pobre dos Pobres, — o pároco da freguesia de S. Nicolau. A ninguém cabe melhor o atributo glorioso como a um sacerdote de Cristo. Não há ninguém que não olhe, ninguém que se não comova, ninguém que não acredite no sacerdote pobre; por isso — glorioso.

Respeitemos e libertemos o pároco do Barredo. O meu filho é tio doente... Uma residência decorosa. Vamos começar. Eu ajudo. Do Património dos Pobres, ninguém me leva a mal que eu retire um auxílio. Forme-se já a comissão de púcos e decididos.

Este Barredo, vai para o livro. Pelo menos dez mil homens, hão-de ter conhecimento do apelo original e outros tantos, em futuro artigo, hão-de notar de como a obra começa e prossegue e termina pela instalação condigna do Padre Querubim e sucessores. Eis a minha oração.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Esta legenda simples no cunhal das casas, é um marco da passagem do Filho do Homem pela terra! Nenhum mortal teria capacidade de a imaginar e realizar, pelas suas próprias forças. Isto não se encontra na raiz do ser humano; tão pouco teria o crescimento e aceitação que a Obra já está sofrendo. Sim. Saibamos colocar os factos no seu devido sítio. Não sejamos arrogantes.

Primeiramente veio o risco; sem saber de traços nem linhas, um simples papel branco, eu dei o risco das casas. Um mestre deu-lhe o corpo. Os obreiros construíram. Cada casa, cada dúzia de contos e aqui está o ponto que me causa espantosa alegria. Como é possível que aquele meu risco haja correspondido a esta soma? E quam insinuante! E quam prática! E quam evocativa! Jesus Cristo escolheu Doze... Torno a dizer; levantemos os olhos ao Céu! No ano passado, deram-nos dezoito dúzias de contos. Este ano já nos entregaram uma; e tenho a notícia de que, algures, anda uma lista muito perto daquela soma. Agora mesmo saiu daqui o Albertino, que vende na Companhia das Águas, e trouxe recado de um senhor que me manda construir uma casa e que dentro em pouco vem aqui trazer a dúzia. E eu não conheço o senhor, mas acredito nele e acredito no rapaz que me trouxe a notícia e vamos já começar a casa. Acredito. Nesta obra singular, eu não conto. Eu não sou eu. Eu sou um tocado, por isso acredito na palavra destes homens, fecho os olhos, tomo os riscos e ando para a frente.

Outra vez na Capital

Fui de avião por mais ligeiro, mais alto e mais barato. Adriano estava na Portela e daí a nada, na casa do Tojal, era a reunião dos três grandes. Digo assim porque somos apenas três padrões da rua e todos da mesma altura. Não é como os outros nem é no mesmo sentido que nós somos grandes.

O caso do dia, no Tojal, tinha sido e era ainda a primeira casa do Património dos Pobres; medida, discutida, e proclamada, pelos saloios das redondezas. Eles, que andam vergados nos campos sem domingos nem dias santos, fizeram um dia santo. Sãoromeiros e dão glória ao Pai Celeste, a dizer uns para os outros isto assim é que é. Na visita à formosa moradia, deixaram um mundo de coisas, algum dinheiro e uma Bíblia. Não esqueço e publico a delicadeza do Padre Adriano, querendo que fosse eu a entregar a chave. É uma viuva. Seu marido, foi cabo de guerra, na grande de 18. Bateu-se em África e França e veio a cair mais tarde na Pátria, dentro da vala comum. E a pensão de sangue? Oito filhos! E que mais? Uma barraca de canas! Adriano indica-me o sítio aonde vai erguer mais casas e diz-me de como o povo se aproxima a pedir que construa para eles — que nós pagamos renda ao senhor prior. Nós somos tomados na conta de homens caídos do céu. No conceito dos humildes, nós podemos tudo e tudo conseguimos: faça casas. Ninguém acredita que nas barbas de Lisboa e região dos saloios, haja deles e deles e deles que vivem como calha, de baixo de telheiros, na companhia da vaca do burro e das ovelhas! Porcos não. Passaram e viveram por ali árabes...

Padre Adriano, por mercê de Deus um apagado, tem sido pastor de ovelhas naquela região, por mandato do senhor Cardeal; e é um bom pastor. Havia apenas um pároco em todo o concelho de Loures. Ele toma o punho. Sente a doença, aplica o remédio; uma

casa de trabalho para as raparigas da povoação, dirigidas por uma rapariga da povoação. Um curso nocturno ao serviço dos homens de qualquer idade ou condição. Um dispensário com medicamentos e curativos aplicados com mestria por um jovem pároco que o senhor Cardeal mandou para o serviço religioso do concelho e que mora mais nós. Todos estes organismos, cada qual em sua hora, são procurados. Não há ali mãos a medir. O povo vê. O povo sente. O povo acredita; desta política gostamos. E Padre Adriano vai-se virar agora para a igreja da freguesia, arruinada. Vai-se virar, sim, e leva atrás de si tudo e todos. Que ninguém duvide. Nos primeiros tempos, era numa capela interior que ele celebrava a missa dominical, a que assistia o sacristão de há 40 anos e disse. Mais tarde, duas mulheres de um lugar próximo. Depois, mais. E mais. A capela enchia-se e acabou por ser pequena para o povo. Hoje, Padre Adriano celebra no res do chão, sala de jogos, com capacidade para muita gente; e já não chega! Ele vai agora virar-se para a igreja que é monumento nacional. Ninguém duvide. Quem trabalha tem direito e é digno da sua paga. Deus é a Justiça.

PEDITÓRIOS

Eu não sei se nas Repartições do Estado se guardam as cartas que a gente para ali escreve. Se sim, muito terão dado que falar e até pode acontecer que venham a fazer história, com o andar dos homens e dos tempos. É que uma obra original tem expressão original. Isto vem para dizer, que nos princípios da nossa Obra e adivinhando-se já o seu volume, nós fomos perguntados de Lisboa com que receitas contávamos para a manter e aonde é que as ia mos buscar. Pulpitos e púcos, disse. E assim tem sido.

Na igreja do Carmo, à missa das onze e meia, passou de dois contos; ao meio dia, na dos Carmelitas, foi além dos quatro. Não faltaram as notas de mil e o acto heroico de Mulheres que tiram brincos das orelhas e anéis dos dedos! A seguir foi na igreja da Lapa, que andou por sete contos e meio, às missas das onze e do meio dia, sem contar jóias. Esta correspondência aos nossos apelos, procede dos militantes. E' do seio dos que sabem doutrina e conhecem a vida de Jesus. Mas há outros que não. Com lágrimas o digo; nas missas altas, em todas as igrejas aonde peço, há os Vistosos, diria melhor, as Vistasas que se aborrecem...! Não gostam de ouvir falar no Património dos Pobres! .. Parece-lhes mal Com lágrimas o digo!

Do que nós necessitamos

Na igreja dos Congregados, deram 45 moedas de dez escudos, indicando ter sido o primeiro ordenado de quem dele se despojou. Para ganhar é preciso perder. Mais 50\$ do Porto. Mais 30\$ idem. Mais esta carta.

A Corporação de Sargentos deste Regimento, no desejo de auxiliar a Casa do Gaiato, resolveu cotizar-se do que resultou uma receita de Esc. 200\$00 que, em vale do correio, gostosamente enviamos.

A nossa vontade, maior do que as possibilidades de que dispomos, mostra a simpatia que dispensamos à acção humanitária, educativa e altruista em favor dos rapazes que, tresmalhados, sairiam, possivelmente, do caminho do trabalho, do dever e da honra.

A certeza de que tão linda obra é uma lição para quem dela têm conhecimento, mais nos anima na leitura de «O GAIATO» quando este simpático jornal, aparece na nossa Sala, quando por vezes, mãos amigas ali o fazem cair.

Para terminar, longe de exigir uma recompensa pela nossa ini-

ciativa molesta, muito gratos ficaríamos se se designasse rezar uma missa por alma do nosso camarada Tomé dos Santos, falecido em 5 de Outubro do ano findo.

Mais 500\$; tenho apenas o que ganho e não é só para mim. Muito bem, mas a sua vontade de dar, faz que o pouco chegue para muitos. Mais 20\$. Mais 100\$. Mais 20\$ de Soure. Mais 750\$ de Lisboa. Mais 100\$ do Porto. Mais 1.005\$ de uma lista de nomes do Monte Pio. Sim senhor; o que nos entregou na segunda feira 18 de Fevereiro, deu entrada. Mais 20\$ Mais 15 angolares de Porto Amboim. Mais 100\$ de Viseu: São do primeiro dinheiro que eu ganho na minha vida. Que Deus me ajude a ganhar dentro em breve dinheiro suficiente para me poder casar. Eis aqui uma oração bem feita. O nubente pede a Deus e eu, em nome deste e de todos, peço aos homens. De todos os contratos, de todos os decretos, de todas as assembleias; de tudo quanto os homens dizem e fazem para governar homens, nada fazem, enquanto não derem aos novos de boa

vontade condições de vida familiar. Outra vez o Dr. Zéquinhas. Do Espelho da Moda, mundos e fundos. Mais 20\$. Mais roupas de Gondomar. Mais ditas de outros lugares. Mais 500\$ do Porto. Mais da Graça Ramos de Ovar, tudo quanto vem na carta. Mais 73\$ da Caixa dos Metalúrgicos. Mais 100\$ doutro organismo, referente ao mês de Fevereiro. Mais de Vila de Rei 100\$. E mais nada.

Agora

PELAS CASAS DO GAIATO

Mais o mestre d'obras que me tinha pedido se eu lhe podia arranjar cinco contos à conta, e eu disse-lhe que ia ver, e nisto chega uma carta do Alto Douro a recomendar que fosse eu à estação de Cête, ao comboio das tantas, que numa carruagem de segunda ia uma senhora com o braço de fora e na ponta uma carta e dentro cinco contos para ajuda de uma casa.

Naquele tempo Jesus mandou a Pedro que fosse ao ventre de um peixe e tirasse de lá o dinheiro necessário para o imposto a César... Eis!

Com isto se abre hoje a procissão. A seguir, vai alguém com uma pedra de mil escudos, muito bem escondidos. O envelope é de um hotel de Caldelas. O carimbo é de Coimbra. Mas quem dá não é duma terra nem doutra. Tudo muito escondidinho, sim, — mas o rabo ficou de fora. Eu sei quem é. Chaves leva uma telha de 50\$. Lisboa vai com duas, 100\$. Mais uma dita de 20\$. Cá vão novamente *Minucha, Gracita e Zesito* com uma outra. Grandes festeiros, estes três! O Porto enfileira com 50\$. Ao lado, vai a bandeira *Uma Casa para todos*, com 20\$. Logo ao pé, vê-se *Um casal com 640\$ para as lindas casinhas dos pobres, sendo 140\$ do primeiro aumento de soldo*. Arranhada do Vouga vai com 70\$: são de *Uma mãe reconhecida. De 4 irmãs, deixado no Lar do Porto*. Mais do Porto, 50\$. A mesma cidade com um prego de 20\$. E 50\$. Espinho leva o mesmo. Outra vez o Porto com 150\$. Alcobaça leva uma telha de 50\$. Mais uma do Porto, 20\$. Cantanhêde vai aqui com 100\$. Esposende fala com metade. Lisboa, outro tanto. Agora afastem-se um nada e deixem passar esta que assina *Uma portuense*.

«Há muito que estas moedas vos estão destinadas. Hoje, enfim, é a ocasião»

Peça a Deus para que me seja concedida a graça de eu não morrer sem conseguir deixar duas casinhas. Pois tenho duas filhas e é a minha maior ambição. Trabalho imenso, mais do que as minhas forças o permitem mas quero auxiliar meu marido para realizar o nosso sonho. Um teto para cada filha.

Reze, pois, pelo meu sonho.

Empregue esse dinheiro na construção das casinhas dos infelizes.

Uma portuense

É uma Mulher casada que procura auxiliar o seu marido. Para quê? Deixar uma casa a cada filha! Para tanto, trabalha mais do que pode. — e não se queixa nem se enfada! Um senhor vai com selos fiscais no valor de 330\$. Outra arrumadela por favor. Não é nada. Não estejam a olhar para trás que isso é feio; vamos numa procissão. É um senhor de Águeda que vai com doze contos.

Outra telha de 150\$. Ao pé, metade para uma pedra. Assim sim. Só telhas não. Não vamos fazer casas só de telhas! Vai agora um sacerdote com 100\$; é de Lisboa.

Outra vez Lisboa com telhas, parafusos e pregos — 50\$. O Algarve também. A *Maria da Beira* que se propôs pedir uma casa este ano, vai hoje com a primeira

MIRANDA DO CORVO Como já foi anunciado, que a entrega das duas casas do Património dos Pobres, seria no segundo domingo da Quaresma, pois já foram entregues às respectivas pobres, que anunciamos, e que são, a tia Carvalha, e a pobre que morava na Estação numa baraca de tábuas, e que era uma família muito numerosa, constituída por: homem, mulher e nove filhos. No mesmo domingo o Sr. Padre Horácio celebrou a missa paroquial por ausência do pároco desta freguesia, e disse algumas palavras a respeito da inauguração. A tarde toda a gente da freguesia estava presente, para entregarem também as casas porque elas não pertencem só a nós mas



Eis a capela e um ar da Casa do Gaiato de Miranda, onde a Obra da Rua nasceu, em 7 de Janeiro do ano de 1940.

sim a todos os benfeitores que contribuem para o Património dos Pobres. Qual seria a alegria destas famílias? Ninguém imagina, pois que viviam num barracão e agora num palácio, como muita gente lhe chamava naquele dia! Mas que é isto? Mudar de um barracão para um palácio sem dar um tostão? Naquele dia os pobres não cabiam em si de contentes. Tanto como os pobres acorreram a dar alguma coisa das suas posses. Restam-nos agora acabar de construir a terceira da série das três. Estão constantemente os pobres a pedir-nos roupas, tanto de vestuário como de cama mas como estamos em déficit, resolvemos pedir aos nossos queridos leitores que não esqueçam os pobres. E espero que os leitores do Famoso leiam e meditem este nosso artigo, e que tenham um bocadinho mais de ternura para com os nossos pobres.

Começamos com a lavoura na nossa quinta e principiamos a semear batatas. Esperamos que este ano a nossa quinta seja mais produtiva que os anos anteriores.

Venho lembrar um pedido de há tempos, e se vos venho massar desde já peço desculpa, mas mas não podemos resistir à tentação da bola. Pedimos num dos números do famoso uma bola de couro e ainda não houve quem nos oferecesse a dita bola e venho renovar o pedido, que ansiosamente esperamos.

CARLOS MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA O nosso grupo reserva vista de futebol jogou no dia 16 com o Grupo da Capela. O desafio decorreu num ambiente agradável. Pena foi que a chuva viesse interromper, ou melhor fazer baixar o nível ténico.

pedra, — mil escudos. Estamos no fim de Março; tempo e marés, não esperam!

Ora tendo a gente ficado a quinzena passada em 847 contos, segue-se que com a pancada d'hoje ficamos em 825 deles. Quer dizer; faz agora um ano que puzemos a procissão na rua com o pedido de mil e duzentos contos para cem casas. Ninguém se assustou! Estão 21 delas ocupadas. Estão 4 delas em alicerces. Mais em vias disso, e vamos práς cem!

nico das jogadas vistosas que então se faziam.

Sendo a nossa equipe a melhor no terreno, nem por isso foi feliz. A vitória foi de 2-1 a nosso favor, mas poderia ser mais ampla se a sorte não nos fosse adversa.

Num dos últimos números do nosso jornal, o Pai Américo pediu uma bicicleta pequena para os refeiteiros. Passados dias responde o Porto a dizer que sim. Sempre o Porto! Nos primeiros dias a notícia correu a aldeia, e todos ansiavam a vinda da bicicleta. Ela chegou, e Papagaio que actualmente é o refeiteiro dos maiores começou a fazer experiências... «É muito boa» diz ele. O Bernardino, e o Manel do Embrulho vão aprender a andar, e depois é que vão ser elas... Por agora o Papagaio é quem sabe e é quem manda.

MANUEL PINTO

TOJAL Tem estado aqui na nossa casa a passar uns dias o Carlos Alberto Freitas, que embarcou para Angola, no dia 7.

Ele foi um dos fundadores desta casa, e foi também fundador da casa de Paço de Sousa. É o primeiro gaiato a ir para Angola. Todos nós lhe desejamos uma boa viagem e que seja muito feliz. Estamos esperançados que ele se porte bem para abrir as portas a muitos que estão por aí ansiosos de embarcar com o mesmo destino.

A nossa Conferência vai ter uma das suas maiores alegrias, por poder dar a um dos pobres a primeira casa. A casa é semelhante às de Paço de Sousa. É muito airosa, e tem quatro divisões: uma sala, um quarto, uma cozinha, e casa de banho. No quarto fica uma cama com as respectivas roupas, uma arca, e um lavatório, a cozinha tem chaminé, e um armário. A cozinha não tem forno como as de Paço de Sousa, porque aqui ninguém coze boroa. A lareira é também diferente porque aqui ninguém gasta lenha, porque não há árvores. Tudo cozinha com fogões de petróleo. A casa é muito linda, e todos os que passam a cobçam.

No dia nove estará em exposição para toda a gente ver. Esperamos que o Senhor Padre Américo venha cá no dia 11 entregar a chave à nossa pobre

A segunda casa já tem os cabancos abertos. Ficarão aqui perto, a dois passos dos nossos portões, em terreno que era nosso. O outro foi oferecido pela Câmara de Loures.

CARLOS ALBERTO LOPES

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O déficit aumenta! Como em cada dia cresce, vimo-nos forçados a reduzi-lo doutra maneira, bem dolorosa mas inevitável — cortar às esmolas semanais e medicamentos! Os senhores querem saber em que altura ele se encontra? Eu digo — três mil escudos! Quem há aí que o queira baixar? Se alguém, levante o braço e diga sim.

Três continhos de reis! Dantes, havia um senhor ou senhora, donde não sabemos, que lá de vez emquando repartia aos mil escudos pelos pobres da nossa conferência. Quem sabe se esse tal senhor ou senhora não quererá presentear-nos com alguma nota? Quem sabe? Como ficaríamos contentes e exultariam os Pobres! Porém, enquanto se mantiver o estado deficitário — tristeza, desolação, queixumes e o mais que veremos em ca a dos que socorremos! ..

Durante estes quinze dias abeiraram-se os seguintes red tores do déficit:

De Coimbra 20\$. Do Porto 10\$. Figueira da Foz. para os pobres da Conferência 20\$. Mais do Porto 30\$. De Algueres em nome de Angela Lobão 37\$. Um Sr. Dr. de Argoncilhe manda vinte escudos. Lisboa apenas com 20\$! O Sr. Moutinho de Cabeciras de Basto volta com 30\$. E a terminar, para os Pobres da Con-

A venda do jornal em Viana do Castelo

Agora fala um gaiato que faz venda em Viana. Que é o Hélio. Na quinzena passada fiz anos. E os senhores querem saber quantos?

Foram 15 anos. Muitos dos meus fregueses queriam-me dar prendas. Mas como alguns não tivessem vagar, diziam-me para a outra quinzena. Também em Lisboa tenho uma senhora muito minha amiga que é a senhora Odete Piedade da Silva Resende. Já me mandou a colecção toda do Sporting. E agora quando fiz anos mandou-me 20\$00 para o que eu entendesse. Ora eu agradeço este grande favor.

Os senhores querem saber uma aposta que eu fiz com um Benfiquista há duas quinzenas? Foi assim:

Se o Benfica perdesse o senhor comprava-me 100 jornais. Se o Sporting perdesse ele não me queria nada.

Chegou a quinzena em que eu ia vender o Gaiato. Cheguei a Casa dele. Não me disse nada; imediatamente foi à sua carteira e tirou dela 100 escudos e deu-mos para a minha mão. Depois disto tudo feito, disse-me. Sim senhor tu tens muita fé no teu Sporting. Eu quando vou vender o Gaiato ao Porto levo o meu querido emblema do Sporting. Não é de pedras de ouro mas significa que é do Sporting!

Muitos dos senhores dizem; eu não te comprou o Gaiato porque tu és Sportinguista! ..

Cada um tem a sua opinião. Houve um senhor no Porto que me fez uma pergunta.

Perguntou-me se na Casa do Gaiato havia mais Sportinguistas ou Portistas. Ora eu digo: na Casa do Gaiato há mais Sportinguistas.

Os vicentinos de Viana andam muito entusiasmados com as casas para os pobres. O senhor Padre Constantino é que é o guia deles. Nós gaiatos parece que andamos a estorvar com a venda do Gaiato disse eu para eles. E eles disseram-me: as esmolas chegam para todos; isto é tudo para o mesmo. Nós que andávamos a vender o Gaiato vimo-nos um bocado atrapalhados Mas nunca desanimamos, andávamos sempre para a frente. E vendemo-los bem; acabamos às 2 horas da tarde. Depois fomos comer. Dormimos e comemos em casa do senhor Carvalho, um dos grandes amigos da nossa Obra.

Agora os de Viana andam a ver se a gente lá vai para 5 ou 12 de Maio fazer um grande espectáculo. Vamos a ver.

O senhor Padre Constantino e o senhor Padre Melo pregavam nas igrejas e nos cinemas, para que todos os cristãos dessem a sua esmola. Os senhores vejam com que vontade os de Viana andam! Até Doutores pediam com umas saquinhas! Todos davam a sua pequena esmola. Oxalá que por todo o nosso país se encontre esta boa vontade de fazer casas para os pobres.

E com todas estas palavras termino esta crónica.

Hélio

ferencia, em agradecimento de uma graça obtida por intermédio do Sr. P.º Cruz 50\$.

E é tudo. Para o próximo número vamos a ver. Deus providenciará; Ele é Omnipotente.

Júlio Mendes